

OBSERVATÓRIO GERAL

Impressões, curiosidades e anotações ...

CLÁUDIA PEREIRA

cpereira@brasiliaemdia.com.br

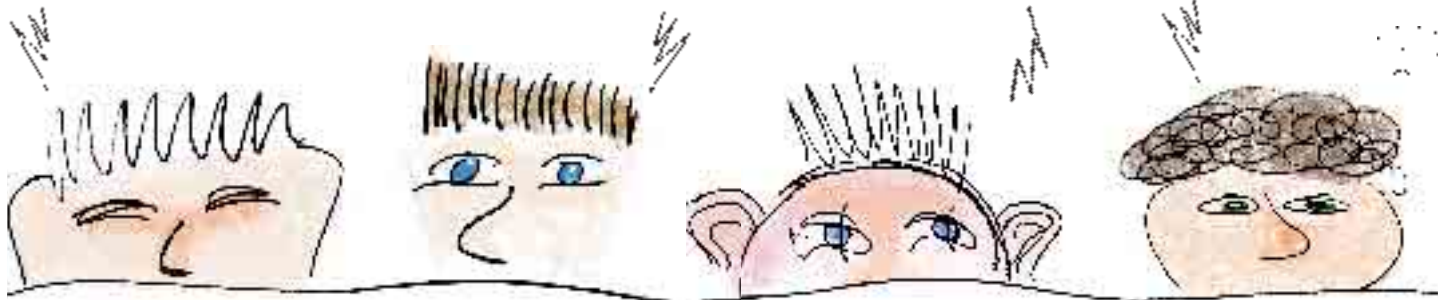


TASSO JEREISSAT, DIZ QUE "(...) NÃO DEIXARÁ DE VOTAR PROJETOS DO GOVERNO DE INTERESSE NACIONAL. E DESTACOU QUE "(...) A VITÓRIA DO PRESIDENTE LULA NÃO ANISTIA OS CRIMES PRATICADOS POR INTEGRANTES DO GOVERNO E DIRIGENTES DO PT".

TEREZA CRUVINEL CHAMA A ATENÇÃO PARA "APARENTE CONTRADIÇÃO ENTRE AS PROMESSAS DO PRESIDENTE" EM MANTER UMA POLÍTICA FISCAL DURA, E UMA POLÍTICA ECONÔMICA DESENVOLVIMENTISTA.

MERVAL PEREIRA RELEMBRA QUE A POLÍTICA ECONÔMICA DE PALOCCI E A ORTODOXIA DO BANCO CENTRAL TURBINARAM OS EFEITOS DOS PROGRAMAS SOCIAIS E DO AUMENTO REAL DO SALÁRIO MÍNIMO.

MARCO AURÉLIO GARCIA, DISSE QUE "(...) QUEM DIZ QUE A NÃO EXISTE DIFERENÇA ENTRE ESQUERDA E DIREITA SÓ PODE SER DE DIREITA".



LULA NA PRESIDÊNCIA, PSDB NA RESISTÊNCIA Esse é o cenário dos últimos quatro anos e que será requeitado, com novos contornos, a partir da reeleição do petista. Os 58 milhões de votos garantem uma expressiva legitimidade ao presidente reeleito. Porém, os quase 40 milhões de eleitores que apostaram na candidatura de Geraldo Alckmin, vão exigir, segundo análise do PSDB, uma postura crítica do partido em relação ao novo governo. Em sua primeira entrevista coletiva após a derrota do partido, o senador Tasso Jereissat, presidente nacional do PSDB afirmou que "(...) Não deixará de votar projetos do governo de interesse nacional e nem fará restrições ao relacionamento administrativo dos governadores tucanos com o Palácio do Planalto". Porém, destacou que "(...) a vitória do presidente Lula não anistia os crimes praticados por integrantes do governo e dirigentes do PT".

RECOMPOSIÇÃO DO PFL O líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio, defendeu que seja do PFL a indicação do novo presidente do Senado, uma vez que a bancada pefelista tem 18 senadores, número igual ao da bancada do PMDB. Por sua vez, Renan Calheiros (PMDB), atual presidente da casa, avalia que o PMDB terá maior bancada por causa da cláusula de barreira. No PFL fala-se em recomposição da direção nacional, uma vez que o partido elegeu um único governador, José Roberto Arruda do DF. Na Bahia e Sergipe perdeu os governos que tinha. No Maranhão, além de sair derrotado das urnas, está perdendo a senadora Roseana Sarney, que estaria indo para o PMDB. No Rio de Janeiro, César Maia perdeu com a derrota de sua candidata ao governo do estado, Denise Frossard (PPS). Parece que o estilo agressivo adotado pelos pefelistas, não agradou aos eleitores.

SUPERAR DIVERGÊNCIAS Entre os tucanos fala-se em superar as divergências internas e reorganizar o discurso para combater o governo Lula. Fernando Henrique Cardoso afirmou que o partido está precisando de uma "chacoalhada". Segundo o ex-presidente "(...) o PSDB precisa ser mais afirmativo em suas propostas e mais próximo do povo". Contudo, o PSDB sai bastante fortalecido deste pleito com os 38 milhões de votos depositados em Alckmin, a eleição de Serra para o governo do São Paulo e a reeleição Aécio Neves, em Minas Gerais, dois grandes colégios eleitorais do país. Além disso, o

PSDB também conquistou os governos do Rio Grande do Sul, por Yeda Crusius, Alagoas, por Teotônio Vilela Filho, Paraíba, com Cássio Cunha Lima e Roraima, com Ottomar Pinto. Um time expressivo de seis governadores.

POLÍTICA FISCAL E DESENVOLVIMENTO O presidente reeleito anunciou suas prioridades: distribuição de renda, crescimento e educação. As promessas soam muito bem, mas a prática são outros quinhentos. Como conciliar uma política fiscal dura com o desenvolvimento? Como juntar taxas de crescimento e queda dos juros com a manutenção do superávit primário e as metas da inflação? Merval Pereira lembra que a política econômica de Palocci e a ortodoxia do Banco Central turbinaram os efeitos dos programas sociais e do aumento real do salário mínimo e afirma "(...) Se a inflação não estivesse tão baixa, e o dólar tão valorizado, a comida não estaria tão barata e o poder de compra dos mais pobres não teria crescido tanto".

PROMESSAS CONTRADITÓRIAS Segundo Merval o presidente "tergiversa" quando diz que é preciso ter uma política fiscal dura, mas que não prejudique os mais pobres. Tereza Cruvinel escreve sobre o que ela chama "aparente contradição entre as promessas do presidente" em manter uma política fiscal dura, e uma política econômica desenvolvimentista. Merval chama a atenção para o jogo perigoso do presidente, que parece exacerbar a luta de classes, quando afirma que sua vitória foi a "do pessoal do andar de baixo" contra o "andar de cima". Marco Aurélio Garcia, em entrevista à Globo News, disse que "(...) quem diz que a não existe diferença entre esquerda e direita só pode ser de direita".

MUITO ALÉM DO PRATO DE COMIDA Entre esquerda e direita, ricos e pobres, monetaristas e desenvolvimentistas, o fato é que o presidente eleito tem a missão de unir o Brasil em torno de uma agenda que coloque o país no eixo do crescimento econômico, social e civilizatório. Até porque a gente não quer só comida, a gente quer diversão e arte, como cantam os Titãs. O presidente reeleito tem o dever de montar uma pauta que além do prato de comida, garanta emprego e renda, salas de aula equipadas e professores capacitados, prontos para tirar do país da miséria econômica e humana.